

O REGIONALISMO FANTÁSTICO EM *O AUTO DA MAGA JOSEFA*

Jadna Alana¹
Anacã Rupert Moreira Cruz e Costa Agra²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compreender a construção do regionalismo fantástico na obra *O auto da maga Josefa*, de Paola Siviero, verificando a interação entre o regionalismo, que inicialmente se confundia com um trabalho sociológico, psicológico e antropológico, seguindo um viés mais histórico e geográfico do que literário, e o fantástico, que se vincula mais à literatura estrangeira (por tradição). A pesquisa se dará através da identificação das características que compõem o regionalismo fantástico, no caso as marcas regionais e os elementos fantásticos que se materializam n’O auto da maga Josefa, produzindo um estudo sobre a literatura contemporânea executada no cenário brasileiro na intenção de contribuir para o desenvolvimento da identidade da literatura contemporânea brasileira. Concluindo, portanto, que o regional revestido de fantástico coloca o homem do campo em lugares que nunca esteve antes, atingindo uma construção que vai além do relato de uma vivência marcada por aspectos sociais e geográficos, mas primordialmente literário. Assim, este estudo dialogará com teóricos que abordam regionalismo, fantástico e conceitos importantes para a construção da literatura nacional como Arruda (2011), Caixeta (2020), Candido (2000), Coutinho (1968), Frizon (2007), Grauová (2016), Holanda (2000), Miguel-Pereira (1973), Silva (2020), Todorov (1975) e outros.

Palavras-chave: Literatura contemporânea brasileira. Memória e cultura. Regionalismo fantástico.

INTRODUÇÃO

Ao discutir a questão do regionalismo, percebemos certa resistência por parte da crítica sobre seus estudos, já que foi demandado um longo tempo para que esta, bem como a historiografia literária, definisse um conceito a seu respeito. A integração do nacionalismo na literatura brasileira trouxe como consequência a “pouca possibilidade de se forjar sistemas de pensamento ou visões particularistas que expressassem as demandas ideológicas e simbólicas das elites ou de grupos sociais locais ou regionais”. (GIL, 2019, p. 57-58). Uma possível razão para que essa literatura fosse deixada em segundo plano seria o atraso social. “Numa terra em que o bom era copiar a Europa, apresentar os problemas das regiões mais remotas do Brasil era demonstrar que o país não só sofria com o atraso, mas, de certa forma, o exaltava”. (FRIZON, 2007, p. 11).

¹ Graduada pelo Curso de Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, jadnaalanaoficial@gmail.com;

² Orientador, Doutor em Literatura pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, anacan.agra@gmail.com

Alguns registros bibliográficos conceituam que toda obra literária pode ser considerada regionalista se for levado em consideração que qualquer aspecto do universo criado, bem como a cultura, é regional. Se assim o fosse, grande parte da literatura seria classificada como tal e, por isso, é importante enfatizar que ao regionalismo “só lhe pertencem de pleno direito as obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagem locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores.” (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 179). Como explorado por Chiappini (1995) em “Dez teses sobre o regionalismo na literatura”, uma obra regionalista é toda aquela que traduz peculiaridades locais, como aquilo que se coloca à margem dos centros urbanos.

Para muitos estudiosos e críticos da literatura, o regionalismo se confunde com um trabalho sociológico, psicológico e antropológico, tratando de registros de determinada cultura por um viés muito mais histórico e geográfico do que literário. “Certos autores de textos de reconhecida qualidade estética não tinham a intenção de ir além do testemunho, do registro de contos e lendas orais, ou, quando muito, de fazer história.” (CHIAPPINI, 1995, p. 156). Além disso, a atividade com a linguagem afastaria receptores de outras culturas, que não dialogam com o mesmo modo de comunicação, restringindo o alcance da obra a um determinado público. Nesse sentido, “a narrativa, que deveria ser fluente e fácil, torna-se ao contrário uma trabalhosa e trabalhada composição de estilo.” (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 180).

De fato, é perceptível que alguns autores³, na tentativa de construir uma literatura tipicamente brasileira, compondo a escrita com marcas suficientes para serem aceitos dentro dessa nova proposta, acabaram se excedendo em seus textos, inserindo elementos e um linguajar que beirava o pitoresco. Assim, o movimento que deveria trazer representatividade, levando o homem do campo e da margem para o protagonismo, acabou se tornando, para alguns, superficial e estereotipado.

Por isso, o maior desafio do regionalismo se tornou a criação de uma linguagem acessível, fugindo de estereótipos, e capaz de gerar um laço entre o leitor dos grandes centros e o homem pobre do interior, superando preconceitos e ampliando o conhecimento sobre a cultura e o lugar do outro. Essas aproximações se efetivaram como possibilidades através da segunda fase do regionalismo, intitulado por Candido de “romance nordestino”⁴. Nessa fase o pitoresco cede lugar para um regionalismo de “aspereza crítica”. Assim “a região e suas

³ Afonso Arinos é citado por Antonio Candido (1999) como um desses autores.

⁴ Escritores como José Américo de Almeida, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado foram reconhecidos pelo “caráter empenhado de sua escrita, pela condição de retratistas privilegiados das injustas realidades locais e regionais.” (ARRUDA, 2011, p. 193).

peculiaridades parecem ganhar novo cunho, como quadro de personagens de alcance humano maior, seja porque são animados por um sopro poético que transcende a situação, seja porque possuem uma complexidade até então inexistente nesse tipo de narrativa.” (CANDIDO, 1999, p. 111). Foi a partir desse período que o regionalismo passou a se desenvolver e posteriormente alcançou sua terceira fase, conceituada por Candido de “super-regionalismo”, quando grandes nomes como Guimarães Rosa compuseram uma literatura tão autônoma que ultrapassou a marca do regional para conquistar seu lugar na literatura universal.

Destarte, não faria sentido excluir o regionalismo por uma segregação inexistente, muito pelo contrário, pois ele se configura como a diversidade que compõe o “todo”. O regionalismo não nasce com a intenção de limitar a cultura de margem com o argumento do “amor à terra”, mas busca ampliar o leque de conhecimentos sobre novas culturas. A literatura se destaca como um importante e necessário espaço de denúncia; assim, ainda que tenha existido certa resistência na consolidação do regionalismo por fazer um trabalho literário a partir do resgate histórico e social, a exposição dessa cultura “marginalizada” atua como revolução, grito e denúncia, e sua importância passou a ser notada conforme grandes nomes foram conquistando espaço durante a história da literatura brasileira.

Muito embora esse movimento tenha alcançado notoriedade na literatura canônica há muitos anos, a popularidade tardou a acontecer no cenário comercial, que vem ganhando cada vez mais espaço nos últimos anos, no entanto tem se limitado a copiar o padrão estrangeiro. Mais especificamente, a literatura fantástica, gênero este que não ocupa ainda o protagonismo da literatura brasileira, mas que vem crescendo gradativamente nos últimos anos, tem um formato pronto da literatura comercializada fora do Brasil. Os cenários, vestimentas e linguajar são marcas de culturas que não pertencem ao jovem brasileiro, mas que adentraram em sua mente tantas vezes que ganhou uma fixação sólida. O que não impediu, mesmo que tardiamente, que autores interessados em mudar esse padrão se dispusessem a transfigurar determinados cenários apriorísticos em algo tipicamente nacional, criando narrativas fantásticas em solo brasileiro e, com maior entusiasmo pela cultura local, adentrando o regionalismo.

“O auto da maga Josefa” (2022), escrito por Paola Siviero e publicado pela editora Gutenberg, é um breve vislumbre do que tem sido feito por novos autores brasileiros, por meio de uma junção inesperada entre o fantástico e o regional na literatura jovem-adulta. O contato com textos dessa natureza manifestou a vontade de compreender esse novo movimento nacional, a partir do estudo de seus aspectos para compor o que nomeio de “regionalismo fantástico”. Diante desse cenário, esses autores estão produzindo e publicando no Brasil o que seria o regionalismo fantástico, mas lançando tais obras apenas como “fantásticas”, o que de

fato são, mas ao mesmo tempo são também muito mais que isso. Ou seja, este estudo nasceu com a intenção de explorar esse novo gênero que surgiu na literatura brasileira contemporânea (mas apenas em parte, ficando a segunda metade da natureza da obra no regionalismo), já que não possui características muito bem-marcadas, determinadas e estudadas. Concluindo, portanto, que o regional revestido de fantástico se transfigura em um novo gênero, este que coloca a cultura interiorana no protagonismo, não só esboçando os aspectos sociais de um povo, mas acrescentando também o imaginário, o místico, o fantástico.

Para que isso seja possível, realizaremos a análise da obra *O auto da maga Josefa* (2022) e traçaremos discussões teóricas acerca dos conceitos de regionalismo e fantástico, a partir de estudos como os de Candido (2000, 1999, 1989), Coutinho (1968), Chiappini (1995), Frizon (2007), Miguel-Pereira (1973), Santi (1999) Todorov (1975), entre outros.

METODOLOGIA

Este projeto tem um viés qualitativo, já que faz menção a fundamentos epistemológicos. O decorrer da pesquisa se dará em um processo de estudo no qual observaremos e identificaremos as características que compõem um gênero literário, as marcas regionais e os elementos fantásticos que definem uma obra como regionalista fantástica, produzindo um estudo sobre a literatura contemporânea executada no cenário brasileiro. Para isso, faremos uma pesquisa bibliográfica, “que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.” (SEVERINO, 2007, p. 122). Consultaremos livros e artigos científicos já publicados que irão fundamentar as teorias do fantástico, bem como do regionalismo, para assim compreender e especificar os caminhos para a produção de uma obra regionalista fantástica.

O ESTRANGEIRISMO ATRAVÉS DA LITERATURA FANTÁSTICA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

A literatura estrangeira ocupou um papel bastante simbólico no cenário nacional há muito tempo. Devido à ausência da educação e o crescente número de analfabetos, autores brasileiros acabavam produzindo para uma pequena parcela de receptores: a elite. Desse modo,

Como o ambiente não os podia acolher intelectualmente senão em proporções reduzidas, e como os seus valores radicavam na Europa, para lá se projetavam, tomando-a inconscientemente como ponto de referência e escala de valores; e considerando-se equivalentes ao que havia lá de melhor. (CANDIDO, 1989, p. 145).

Tal fato gerou uma visão negativa sobre o país e influenciou efetivamente na literatura brasileira. A escassez cultural fez com que escritores se voltassem para a Europa e vissem nela seu público ideal. Posteriormente, o cenário transformou-se tão logo esses escritores se convenceram de que era necessário se desprender das amarras com a cultura estrangeira e iniciaram uma longa jornada para se desvincular dessas influências, passando a compor o estilo de toda uma geração. Durante o Romantismo, fase em que os escritores tentaram criar uma literatura “puramente brasileira”, estes ainda foram influenciados pela estética estrangeira, ao passo que “o novo em literatura não é mais que material antigo voltado a forjar-se...” (FRYE, 1964, p. 28-29 *apud* TODOROV, 1975, p. 8). Em outras palavras, a literatura se constrói a partir daquilo que já foi feito antes; toda obra literária bebe de uma fonte para se constituir.

Muito embora o cenário literário brasileiro tenha conseguido se desprender dessas amarras, certamente ainda hoje existem fortes resquícios que levam o público jovem a consumir a literatura estrangeira e, por consequência, reproduzi-la, limitando-se a copiar o padrão estrangeiro.⁵ No artigo “Literatura estrangeira ainda influencia o leitor brasileiro?”, publicado em 2020, Maitê Smiderle e Roberto Birch Gonçalves fizeram uma pesquisa sobre a presença da literatura estrangeira no mercado brasileiro por meio de um questionário com 282 respondentes, e a conclusão confirmou tal fato: “Entre os livros mais vendidos analisados 60% são de autores estrangeiros.” (SMIDERLE e GONÇALVES, 2020, p. 116). Ainda segundo eles, “por meio da fantasia, da ficção, do mito, da literatura o homem se forma e se transforma, ao traduzir os símbolos e cultura lidos e buscar a relação destes com a sua realidade, adquirindo melhor compreensão do mundo e de sua própria identidade.” (SMIDERLE e GONÇALVES, 2020, p. 116). Ou seja, o contato com a literatura estrangeira possibilita que esses leitores-escritores reproduzam uma cultura que não lhes pertencem, mas que está inserida em seu dia a dia através desses livros exportados.

É possível investigar esse fato em muitos gêneros literários lançados no mercado editorial nos dias de hoje, mas para este estudo focaremos apenas na literatura fantástica, que segue a passos lentos para conquistar seu lugar de notoriedade na história da literatura brasileira, pois “a manifestação normal do respeito em outros povos tem aqui sua réplica, em regra geral, no desejo de estabelecer intimidade.” (HOLANDA, 2000, p. 148). Em outras palavras, o afastamento do fantástico por meio da crítica literária se daria pela necessidade de

⁵ Durante os anos de 2020 e 2021 editei 38 obras de fantasia como membro de uma casa editorial nacional e destas apenas 2 uniam fantástico e nacional. As outras 36 obras abordavam mundos paralelos com costumes, vestimentas, comidas e arquitetura semelhante às obras estadunidenses e inglesas; muitas, ainda, inspiradas em Harry Potter.

familiaridade, em que, por abordar muito mais universos recriados, distanciaria essa cor local buscada na literatura brasileira. Talvez por isso, e pela falta de tentativas de mudar essa ideia, o fantástico permaneceu no lugar do estranho e do desconhecido, associado muito mais à cultura estadunidense, e presente em sua maioria na literatura de entretenimento, permanecendo longe da literatura legitimada no país.

Por influência, autores jovens ainda acham que o fantástico só pode ser encontrado fora do Brasil, sobretudo munidos da “cultura Harry Potter”, encontrando nessa literatura estrangeira um conteúdo “mais interessante”, ignorando o território nacional como cenário capaz de ambientar narrativas místicas para produzir obras⁶ espelhadas nos grandes *best-sellers* da literatura fantástica norte-americana e inglesa⁷. Assim, embora existam autores que estão tentando modificar essa realidade na tentativa de mostrar que o cenário brasileiro tem um grande potencial para abraçar obras fantásticas, utilizando-se de sua cultura, ousamos dizer que ainda estão em sua minoria.

O AUTO DA MAGA JOSEFA E SEU CARATÉR REGIONALISTA FANTÁSTICO

O auto da maga Josefa, vencedor do Prêmio Le Blanc de 2019 como melhor romance nacional de fantasia, ficção científica ou terror, conta a história de Toninho, paraibano de nascença, criado no interior para se tornar um caçador de demônios e criaturas encapetadas. Em uma de suas aventuras pelo sertão nordestino, acaba conhecendo Josefa, uma maga e filha do coisa-ruim. Isso seria o suficiente para nem mesmo iniciar diálogo com a desconhecida, já que teoricamente deveria ser inimiga sua. Mas Toninho descobre que na verdade Josefa tem o mesmo objetivo que ele: despachar demônios para o inferno. Sendo assim, mesmo desconfiado, o caçador aceita firmar um “pacto de cuspe” com Josefa para unirem forças, e juntos dão largada a uma sequência de aventuras inéditas pelo Nordeste.

— Menino, tem queimada aqui todo santo ano! — O velho se exaltou. — Antes de Foguinho, antes de vocês, de mim e dos meus antepassados já tinha queimada. O problema foi justamente que avistaram meu bichinho e colocaram toda a culpa no pobre coitado.

— Mas seu João, dragões são selvagens — o caçador insistiu. — Ele pode machucar alguém.

— Óia — o homem começou, com um tom que beirava uma súplica —, eu já preendi ele dentro da casa quando comeu as galinhas, dei chinelada quando ele se enfiou no forno, e dou banho todo ano, que é o que ele mais odeia nessa vida. Ele nunca fez nadinha, nunca ameaçou me morder ou me queimar. (SIVIERO, 2022, p. 111).

⁶ “Escola dos mortos”, “Possuídos”, “O alvorecer dos aprendizes”, “Honra pirata”, “Quase bruxa”, “A princesa de Ônix” e tantos outros, publicados pelo Grupo Editorial Coerência, são obras escritas por autores nacionais, mas ambientadas no exterior ou em universos criados com referências à cultura anglófona.

⁷ J. K. Rowling, Sarah J. Maas, Cassandra Clare, Holly Black, entre outros.

Na cena em que se coloca o trecho acima, Toninho e Josefa tentam convencer seu João, o dono do dragão Foguinho, que a criatura é ameaçadora e deve ser executada, mas o velho insiste em mostrar argumentos convincentes de que nem toda criatura do mundo é abominável. A obra é povoada por elementos místicos que nos fazem recordar da essência mágica de tantas obras fantásticas estrangeiras que fizeram parte da vivência do jovem leitor, no entanto, agora revestida de cor local, fazendo o receptor se colocar verdadeiramente em um lugar de protagonismo, visto que a narrativa é ambientada em seu país.

O conto fantástico regionalista brasileiro é um fenômeno curiosamente híbrido. Por um lado, ele nasce do interesse pela cultura popular do Brasil rural, sendo assim um rebento do folclorismo romântico europeu e trazendo em seu bojo o fascínio pela literatura oral. (GRAUOVÁ, 2016, p. 5)

Esse fenômeno híbrido possibilita então a inserção de elementos até então contemplados na literatura estrangeira em cenários como o sertão nordestino. O “regionalismo fantástico” é um gênero até então inexistente, sendo citado esporadicamente em poucos artigos acadêmicos, e que tem uma de suas primeiras menções no prefácio do romance “Riacho do Jerimum” (de Jadna Alana), escrito por Anacã Agra, doutor em Literatura pela Universidade Federal da Paraíba. Como mencionado por Agra (2019), a literatura fantástica tem sido muito popular nas últimas décadas, e é certo que tem ganhado o público jovem cada vez mais. Com isso, o que essa nova literatura propõe é uma união do fantástico ao nacional e regional, pois “agora, o mundo do fantástico estrangeiro e da narrativa jovem vem invadir — para provocar união, não destruição — o mundo nacional, regional, da narrativa madura, para benefício de ambos.” (AGRA, 2019, p. 8).

Não estamos mencionando uma literatura totalmente autêntica e inovadora, visto que em literatura tudo se recicla e se modifica, e isso acontece efetivamente no gênero aqui estudado. Regionalismo e fantástico, gêneros já existentes e com características consolidadas, fundem-se em algo novo a fim de “modificar a espécie”, já que “os gêneros são precisamente esses elos mediante os quais a obra se relaciona com o universo da literatura.” (TODOROV, 1975, p. 7). Por essa razão, mesmo que o regionalismo fantástico tenha algumas características vinculadas ao realismo mágico (ou realismo fantástico), é notório que o gênero possui marcas que o diferenciam. O regionalismo fantástico foca primordialmente no fantástico, que “implica estar imerso em um mundo cujas leis são totalmente diferentes das nossas”. (TODOROV, 1975, p. 89). Além disso, como o próprio nome sugere (a partir do “regionalismo” brasileiro), trata-se exclusivamente de estar ambientado na cultura regional brasileira, não mais vinculada à América Latina, como o é com o realismo mágico. Assim, a fonte desse regionalismo seria o

mesmo da geração de 1930, agora unido ao fantástico⁸, de influência estrangeira, mas em um fazer antropofágico⁹, percebendo que a construção literária regionalista brasileira é um fenômeno híbrido.

Já fazia tempo que Toninho percorria sozinho o agreste e o sertão, caatinga adentro, caçando de tudo. Havia resolvido casos de urubu comedor de gente viva no norte de Minas, chácaras infestadas por duendes no interior do Sergipe e até mesmo mortos que se recusavam a permanecer na tumba no Ceará. Demônios também, aos montes, tanto os que vinham encarnados em pele de monstros, como os possuidores de pessoas. (SIVIERO, 2022, p. 23).

Nesse trecho o agreste deixa de ser apresentado apenas em seu aspecto geográfico para ser um ambiente em que transitam seres detentores de poderes místicos. Urubus sanguinários, duendes, mortos-vivos e demônios passam a compartilhar espaço com o homem do campo, ocupando lugar na literatura interiorana. Até mesmo alienígenas aparecerem na narrativa em uma noite estrelada, no interior de Alagoas, e recebem umas boas vassouradas de Dona do Carmo, que revoltada espanta os seres porque estão estragando seu milho.

Por isso, “a intervenção do elemento sobrenatural constitui sempre uma ruptura no sistema de regras pré-estabelecidas e encontra nisso a sua justificação” (TODOROV, 1975, p. 86), ou seja, o sobrenatural infringe uma lei e abre margem para extrapolar certos limites. O que antes era determinado culturalmente, ganha novos significados a partir de um trabalho com a temática do fantástico, convidando o público jovem a conhecer o lugar em que vive através de uma perspectiva diferente. Segundo Silva e Andrade, romper esses limites “eleva questões regionais, onde a região serve como marco de partida e a chegada está para além da visão unidimensional de uma possível leitura regional.” (SILVA e ANDRADE, 2019, p. 88).

Acompanhando Vicentini, “toda literatura regionalista se preocupa com as questões da verossimilhança do seu mundo representado, pretendendo-se o mais *documental* possível.” (VICENTINI, 2007, p. 188). Isso porque a ausência dessa veracidade pode causar a não identificação do mundo representado, levando a descaracterização do caráter regionalista. É por isso que escritores regionalistas se dizem também pesquisadores, considerando que “publicam miscelâneas de lendas, cancioneiros, folclore recolhido, provérbios, dicionários de termos típicos, livros de receitas etc.” (VICENTINI, 2017, p. 188).

Unindo seu conhecimento sobre fantástico ao que pesquisou sobre a região que representava, a autora utiliza elementos comuns da fantasia, como lâminas mágicas, por

⁸ É importante enfatizar que faremos um recorte na teoria de Todorov, a qual traz muitos conceitos de fantástico, para focarmos primordialmente no que ele nomeia de “maravilhoso”. Segundo ele, “o maravilhoso corresponde a um fenômeno desconhecido, ainda não visto”, em que os elementos sobrenaturais da narrativa não geram uma reação de estranhamento nos personagens, muito menos no leitor, pois naquele universo o desconhecido é comum. (TODOROV, 1975, p. 24).

⁹ Termo utilizado por Oswald de Andrade no “Manifesto Antropófago”.

exemplo, e resgata elementos culturais do Nordeste, como a rapadura. “— A rapadura que te dei era mágica — ela revelou. — Rapadura antitransformação: serve pra mordida de vampiro, lobisomem e zumbi.” (SIVIERO, 2022, p. 59-60). A Pedra Furada, localizada no agreste de Pernambuco, passa a ser um portal entre mundos, possibilitando a entrada e a saída de criaturas e espíritos para nosso mundo; um simples galho de cajueiro é a vassoura voadora da maga Josefa; e a peixeira de Toninho, instrumento tão comum no cotidiano interiorano, é apresentada como um objeto de poder:

De prata, para dar conta de lobisomens; benzida, para enviar demônios de volta ao inferno; amaldiçoada, caso ele enfrentasse anjos caídos; banhada em veneno de cobra, se tivesse que acabar com chupa-cabras ou mulas sem cabeça; e bem afiada, para dar cabo de cabras safados. (SIVIERO, 2022, p. 29).

Segundo Chiappini, “o grande escritor regionalista é aquele que sabe nomear; que sabe o nome exato das árvores, flores, pássaros, rios e montanhas.” (CHIAPPINI, 1995, p. 158). São descrições como a aparição dos xiquexiques — tão rotineiros no cenário interiorano —, caroás espinhosos e angicos, plantas específicas da flora nordestina, bem como calangos e curiós que povoam grande parte do texto de *O auto da maga Josefa*. Como quando Toninho encontra o vilarejo Riacho das Almas: “Nas barraquinhas da feira vendiam-se tecidos, santos de madeira, louças de cerâmica, macaxeira, galinhas e cabras raquíticas, laranjas e abacaxis que deviam vir de Caruaru, dentre outras iguarias.” (SIVIERO, 2022, p. 27). Assim, a autora narra e ambienta com verossimilhança para que a cor local seja esboçada na obra para causar identificação com o leitor local, mas não restringindo a leitura apenas ao nativo. Pelo contrário, funciona também como um convite para que pessoas de outras culturas passem a conhecer e reconhecer as características de uma realidade diferente.

Além da utilização do mágico para construir uma mitologia para as culturas marginalizadas, o regionalismo fantástico também se apossa de um linguajar próprio, característico do regional, para aproximar o leitor dessa nova realidade.

— E esse sangue que tu tá pingando aí, é de quê?
— De corno. A brabeza fortalece a magia que é uma beleza — ela disse, usando aquele tiquinho de sangue para fazer umas runas sobre o tecido. — Mas acabou. Tu me dá um pouco do seu?
— Sai pra lá que eu nunca fui corno não, abestada! (SIVIERO, 2022, p. 37).

A linguagem coloquial do regionalismo fantástico fixa totalmente a marca interiorana do sertão, unindo-se ao fantástico, de origem europeia, para encontrar o equilíbrio para dois dilemas: o regionalismo é conhecido pela fixação exagerada de costumes, o que poderia tirar seu caráter literário para se restringir muito mais a um texto documental e histórico; e o fantástico, que aborda muito mais mundos criados e destituídos de marcas locais e verossímeis a ponto de fazer com que o leitor não se sinta representado, justamente porque se distancia de

sua realidade. Sendo assim, a união destes gêneros resultaria no equilíbrio necessário para o regional não se limitar apenas ao documental e o fantástico passar a ser mais local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Candido (2000) atribui ao regionalismo a importância da construção de uma literatura que representa e afirma o nacional e traz a sua bagagem cultural, o que não seria diferente tratando-se do regionalismo fantástico. Nesse gênero, finalmente o público jovem, assim como novos autores nacionais, está em contato com sua própria cultura, reconhecendo suas origens, se identificando com os personagens e se vendo como protagonista de uma história fantástica. Fadas, sereias, vampiros, feiticeiros e bruxos não estão sendo associados apenas aos livros estrangeiros, mas vistos em solo brasileiro, em contato com nossa mitologia e folclore.

Se antes o regionalismo passou por um processo de apagamento da história literária por se limitar a apenas cumprir um papel social e de denúncia de uma vivência, agora o regionalismo volta revestido do fantástico — este não mais explorado com estranheza, visto que reveste-se também de brasilidade, saindo do estrangeirismo e apresentando-se *familiar* — para apresentar o interior mágico, fazendo com que a imaginação alcance lugares em que esse homem do campo nunca esteve antes, atingindo uma construção estética que vai além do relato de uma vivência marcada por aspectos sociais e geográficos, mas primordialmente literário.

Assim, através desta pesquisa é possível desmistificar a ideia de que fantasia boa é só aquela importada do estrangeiro, e que por isso autores nacionais devem seguir uma receita pronta. *O auto da maga Josefa* é a representação da possibilidade de transfigurar a cena nacional: escrever fantasia de qualidade com brasilidade e regionalismo. Diante desse fenômeno, a literatura comercial estaria finalmente seguindo o mesmo caminho que a alta literatura seguiu anos antes: alcançando um lugar de independência, fugindo de moldes estrangeiros para compor uma escrita autêntica, nacional e abrindo caminho para se tornar referência para novos autores.

Os diálogos, cheios de ritmo e coloquialidade, conseguiram construir os personagens tão bem ao mesmo tempo que mostraram algo inegável: há muitas lendas, contos, superstições, histórias de Trancoso e assombrações que povoam a cultura oral do sertão nordestino desde que o Nordeste é Nordeste, mas há poucos autores aproveitando essas temáticas, que se casam perfeitamente com o fantástico.

O regionalismo fantástico, portanto, transfigura determinados cenários apriorísticos tipicamente nacionais quando munidos das narrativas fantásticas. A influência pelo fantástico

estrangeiro, unida ao desejo de falar de si, da cultura própria do autor, termina por igualar as estéticas e misturá-las.

REFERÊNCIAS

- AGRA, Anacã. “Prefácio”. In: ALANA, Jadna. **Riacho do Jerimum**. São Paulo: Coerência, p. 9 – 11, 2019.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **Modernismo e regionalismo no Brasil: entre inovação e tradição**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 23, n. 2, 2011, p. 191-212
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 9. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- _____, Antonio. **Literatura, espelho da América?** Remate de Males: São Paulo, 1999.
- _____, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.
- COUTINHO, Afrânio (org.). “O Regionalismo na ficção”. Vol. 3. “O Modernismo na ficção. III. Regionalismo” Vol. 5. In A literatura no Brasil. (1955-9) 2ª ed. São Paulo, Sulamericana, 1968.
- CHIAPPINI, Ligia. DO BECO AO BELO: **dez teses sobre o regionalismo na literatura**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 15, 1995, p. 153-159.
- FRIZON, Marcelo. **O regionalismo na literatura brasileira: o diagnóstico de Antonio Candido**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- GRAUOVÁ, Sarka. **Conto fantástico regionalista no Brasil?**. In Língua Portuguesa na Europa Central: estudos e perspectivas. Praha: Karolinum, 2016.
- GIL, Fernando Cerisara. **Sobre a ausência e o surgimento da noção de regionalismo na literatura brasileira: notas para repensar o problema**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 72, p. 47-62, abr. 2019.
- HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- MIGUEL-PEREIRA. **História da Literatura Brasileira**. Prosa de Ficção de 1870 a 1920. (1950) 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.
- SILVA, Glauber Honorato da. ANDRADE, Emile Cardoso. **O fantástico como hesitação: uma leitura de José J. Veiga**. Revista Coralina. Cidade de Goiás, vol. 1, n. 2, p. 83-94, jul./2019
- SILVA, Tatiana Cíntia da. **A construção da identidade regional em Sertanílias**. Revista Fórum Identidades. Universidade Federal de Sergipe, v. 32, nº 1, p. 179-192, jul-dez de 2020
- SMIDERLE, Maitê. GONÇALVES. Roberto Birch. **Literatura estrangeira ainda influencia o leitor brasileiro?** ECCOM, v. 11, n. 21, jan./jun. 2020
- SIVIERO, Paola. **O auto da maga Josefa**. 1.ed.; 1. Reimp. São Paulo: Gutenberg, 2022.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 4ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1975.
- VINCENTINI, Albertina. **Regionalismo literário e sentidos do sertão**. Sociedade e cultura, v. 10, n. 2, jul./dez. 2007, p. 187-196.